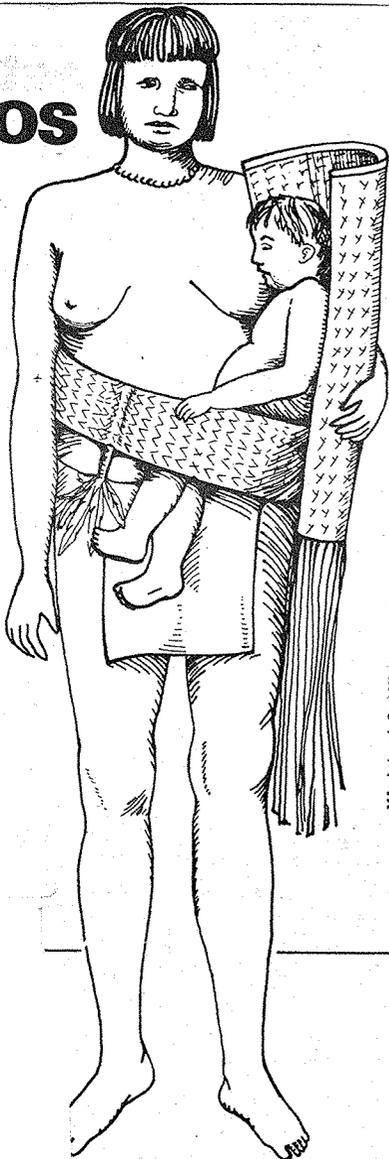


Mãe Apinayé. Curt Nmuendaju. Os Apinayé.
In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Park. INPA, L. 12, 1963.



GOIAS

Apinayé são hostilizados

Os quase 500 Apinayé que vivem em Tocantínópolis, extremo Norte de Goiás, nas aldeias de São José e Mariazinha, estão enfrentando uma verdadeira guerra por parte de políticos locais — tanto do PDS como do PMDB — que têm procurado jogar a população do município contra os índios. A campanha está sendo orquestrada pelo ex-deputado estadual Alziro Gomes, do PDS, que tem um retiro para gado dentro da área apinayé; por seu sobrinho, José Bonifácio Gomes, vereador pedessista e agente licenciado da Polícia Federal; e pelo secretário municipal, Astrogildo, que conta com a cobertura do prefeito, que é do PMDB. Da Capital do Estado, o deputado estadual Maranhão Japiassu, também do PMDB, joga lenha na fogueira, em discursos alarmistas e mentirosos pronunciados na Assembléia Legislativa.

Nos meses de agosto e setembro, Bonifácio Gomes organizou duas reuniões, nas dependências do Colégio Dom Orione, onde a população, particularmente os jovens, foram publicamente incitados a hostilizar os índios. Bonifácio sugeriu que os alunos do colégio (que pertence aos padres de Dom Orione e, no momento, está conveniado com o Estado) colocassem timbó nos cursos d'água da área indígena, para extermi-

nar os peixes, uma das principais fontes de alimentação dos Apinayé. O vereador — que, apesar de licenciado da Polícia Federal, apresenta-se sempre como agente do DPF — ameaçou, na reunião de setembro, matar, a tiros de “38”, o chefe do Posto da Funai na aldeia São José, Livalcir. O diretor do colégio estava em viagem ao exterior, por ocasião das reuniões. Mas não houve, nem antes nem depois de sua volta, nenhum protesto explícito da direção da escola contra a realização das reuniões no recinto do estabelecimento.

O objetivo da campanha contra os Apinayé é a redução da área indígena, que ainda não está oficialmente demarcada. Em 1978, a Funai iniciou a demarcação de uma área contínua, que não foi concluída na parte correspondente à aldeia São José. Mas, tanto numa como noutra parte, existem dezenas de invasores: alguns pequenos posseiros, consentidos pelos índios e que reconhecem estar ocupando área indígena a título precário; outros posseiros médios; e alguns fazendeiros grandes, entre os quais o dono de um hotel em Tocantínópolis, um funcionário do Banco da Amazônia, e dois ou três políticos. Algumas invasões foram feitas no mais tradicional estilo da grilagem: o invasor entrava, abria um roçado e levantava um rancho

na área indígena, e depois vendia o “direito” para outro. Diariamente são espalhados boatos pela cidade, cujos habitantes têm vivido sob permanente expectativa de um “ataque dos índios”.

A campanha inclui os habituais insultos contra os índios: “preguiçosos”, “cachaceiros” etc. Esses estereótipos, entretanto, chocam-se com a realidade da área apinayé: na aldeia de Mariazinha, por exemplo, a produção de arroz foi tão grande, na última safra, que, ainda há poucos dias, encontravam-se ali 400 sacas estocadas, por não haver, no município, quem quisesse comprar esse excedente.

Estava prevista, para o final de outubro, a ida de uma equipe da Funai à área, para verificar *in loco* a situação e tentar um entendimento com os invasores. Os Apinayé, porém, escolados pela ignominiosa campanha difamatória e pelas agressões sofridas recentemente, não parecem dispostos a consentir na redução de sua área. Um papel importante na resistência dos índios tem sido desempenhada pelas mulheres. Helena, a esposa do cacique da aldeia Mariazinha, e Maria Bárbara Irepií, líder na aldeia São José, têm-se destacado na intransigente defesa da terra dos Apinayé.